«NÃO MATE A NOSSA CULTURA, PAGUE OS DIREITOS DE AUTOR!»

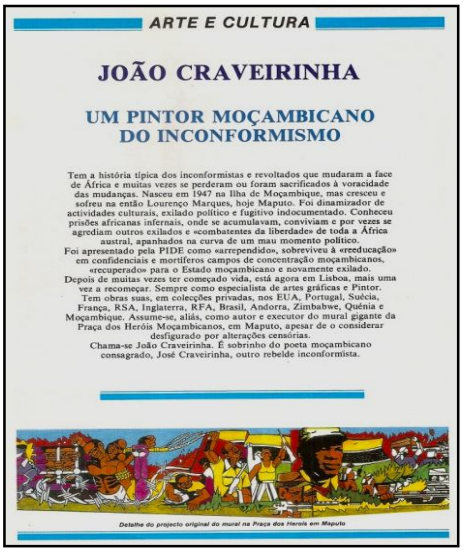
SOMAS Associação Moçambicana de Autores

Ao Autor do Maior Mural Épico, do Mundo, na Praça dos Heróis em Maputo, como enquadrá-lo no Slogan da SOMAS? (Mural – dimensões: 550m²)

MAPUTO| Praça dos Heróis: Na foto, da esquerda para a direita: Presidente Jacob Zuma da África do Sul; 'Presidenta' Dilma Rousseff do Brasil; Presidente Emílio Guebuza de Moçambique. Ao fundo, o referido Maior Mural Épico do Mundo (!?), na Praça dos Heróis (em avançado estado de degradação). O seu autor: João Craveirinha (aliás Johnny Kraveirinya).

Nota: África do Sul e o Brasil integram os BRICS (*Brasil, Russia, India, China, South Africa* – denominadas potências emergentes). Créditos da foto in RFI: Roberto Stuckert Filho/PR (Brasil).

Mestre pintor Garizo do Carmo (na foto) entrevista João Craveirinha (JK), pintor, autor literário, interventor social e sociólogo da cultura, em Novembro de 1990 na revista de Lisboa, África Hoje nº39, páginas 42-43.



ARTE E CULTURA

JOÃO CRAVEIRINHA

UM PINTOR MOÇAMBICANO DO INCONFORMISMO

Tem a história típica dos inconformistas e revoltados que mudaram a face de África e muitas vezes se perderam ou foram sacrificados à voracidade das mudanças. Nasceu em 1947 na Ilha de Moçambique, mas cresceu e sofreu na então Lourenço Marques, hoje Maputo. Foi dinamizador de actividades culturais, exilado político e fugitivo indocumentado. Conheceu prisões africanas infernais, onde se acumulavam, conviviam e por vezes se agrediam outros exilados e «combatentes da liberdade» de toda a África austral, apanhados na curva de um mau momento político.

Foi apresentado pela PIDE como «arrependidos», sobreviveu à «reeducação» em confidenciais e mortíferos campos de concentração moçambicanos, «recuperado» para o Estado moçambicano e novamente exilado.

Depois de muitas vezes ter começado vida, está agora em Lisboa, mais uma vez a recomeçar. Sempre como especialista de artes gráficas e Pintor. Tem obras suas, em colecções privadas, nos EUA, Portugal, Suécia, França, RSA, Inglaterra, RFA, Brasil, Andorra, Zimbabwe, Quénia e Moçambique. Assume-se, aliás, como autor e executor do mural gigante da Praça dos Heróis Moçambicanos, em Maputo, apesar de o considerar desfigurado por alterações censórias.

Chama-se João Craveirinha. É sobrinho do poeta moçambicano consagrado, José Craveirinha, outro rebelde inconformista.

Detalhe do projecto original do mural na Praça dos Heróis em Maputo

ARTE E CULTURA

Aliás, João Craveirinha considera-se um filho cultural ou espiritual de José Craveirinha, já que foi o tio que lhe abriu as portas da sua vasta biblioteca, permitindo-lhe descobrir um mundo e uma África presentes em obras da literatura e da poesia afro-luso-brasileiras ou em autores ligados à antropologia e à psicologia, desde Leo Frobenius e Charles Boxer, Dubois, Ortiz, Erich Fromm ou Reich.

OS ANOS VERDES

Tudo começou no fim da década de 50 quando o mesmo irrequieto, que recusava vestir a farda da Mocidade Portuguesa (com apoio do seu pai, apesar de conservador e de certa forma situacionista), começa a estudar arte e pintura com mestres escultores e pintores do seu tempo e da sua cidade, como Silva Pinto, Garizo do Carmo, Anibal Raivo e Raquel Oliveira Bolão, entre outros.

Alguns leva um trabalho seu ao tio José Craveirinha e este abre-lhe a vasta biblioteca da sua casa na Malafaia, um bairro que, na então Lourenço Marques, era um «interface» entre a cidade de betão geométrica e branca, e a urbe negra labiríntica e de caniço.

É também nessa altura que, enquanto desenha e pinta num estilo que o irá definir como «nativista», descobre em casa de José Craveirinha o jazz e a música clássica, participando atento na tertúlia dos mais velhos.

Em 1964, João Craveirinha participa como testemunha e protagonista numa fase importante da história de Moçambique.

ANOS DIFÍCEIS

No âmbito da Associação Africana, na então Lourenço Marques, funda com outros jovens o «Grupo 7» de acção cultural. Promovem múltiplas manifestações culturais (o crítico português Mário de Oliveira faz uma palestra sobre Picasso), mas o ambiente que então se vivia não permitiu a realização de sessões de poesia nos quais seriam evocados poetas da língua portuguesa, na altura «mal vistos» pelas autoridades coloniais. Vivia-se então a fase de afirmação antieuropeia e nacionalista que as autoridades acompanhavam e temiam. Os projectos são muitos mas forçados a abortar. É a altura em que José Craveirinha, Domingos Arouca e Homero Branco concordam em preparar a aproximação de instituições associativas de índole cultural que o governo queria separadas: a Associação Africana, agrupando sobretudo mestiços, e o Centro Associativo dos Negros de Moçambique, onde se reuniam principalmente negros, e a Associação dos Naturais de Moçambique, frequentada sobretudo por brancos originários do território.

Era talvez uma tentativa de ressuscitar o prestigiado Grémio Africano. Os novos estatutos previam presidências rotativas e, inclusivamente, a participação de gente de cultura de todo o espaço da língua portuguesa.

Um ano depois, a maioria dos promotores da ideia era presa ou exilava-se. Para qualquer Craveirinha a vida torna-se muito difícil. Mas João Craveirinha ambiciona uma bolsa de estudos que lhe permita aprofundar em Portugal os seus conhecimentos de pintura. A Gulbenkian recusa-lhe a bolsa e o jovem transforma-se procura outras oportunidades. Uma longa e atribulada viagem pela África austral leva-o à Tanzânia onde convive com políticos e artistas, nomeadamente com escultores da nova arte maconde. Conhece gente como Samaki, «pai» da moderna escultura maconde (então Shetani) que, desde cedo, influencia a sua maneira de desenhar. Convive e vende desenhos ao famoso proprietário da galeria «Perrais», de Dar-es-Salam, que lançou a escultura Shetani em todo o mundo. Depois, é um longo e doloroso percurso que finalmente o faz regressar à sua cidade, chamada agora de Maputo, onde trabalha em artes gráficas, colabora na FACIM e participa em exposições colectivas.

Em fins de 83, mais outra vez na Europa fixando-se em Andorra e Ibiza, reconhecendo do zero, mas com êxito. Em 1989, volta a expor em Portugal numa colectiva de artes plásticas, no Casino Estoril. É o recomeço pintando em Lisboa a tempo inteiro, a preparar a sua próxima exposição. É jovem, mas às vezes parece-lhe que viveu séculos ■

Desenho a pastel "Alquimia Old a espera do Laser"

O Autarca
Primeiro jornal electrónico editado na cidade da Beira

Propriedade: AGENCIL – Agência de Comunicação e Imagem Limitada
Sede: Rua do Aeroporto – Desvio 2141 – Casa 711 – Beira
E-mail: oautarca@teledata.mz; oautarcabeira@yahoo.com.br
Editor: Chabane Falume – Cell: 82 5984510; 84 2647589 – E-mail: chabanefalume08@gmail.com

O Autarca: Preencha este cupão de inscrição e devolva-o através do fax 23301714, E-mail: oautarcabeira@yahoo.com.br ou em mão
SIM, desejo assinar O Autarca por E-mail ( ), ou entrega por estafeta no endereço desejado ( )
Entidade.....
Morada..... Tel..... Fax ..... E-mail .....
Individual ( ) Institucional ( ) ...../...../ 2013
Assinaturas mensais MZM – Ordinária: 7.200,00 * Institucional: 14.700,00